

## A paz pode morar em um rio

E, ao acompanharem o contorno da casa e alcançarem a varanda, meus olhos se assustam diante da beleza da cena que focalizam: um velhinho, de cabelos brancos, branquinhos, recostado numa cadeira acolchoada. Sua mão direita está pousada sobre uma bengala e ele parece perder seus olhos na paisagem à sua frente.

O quadro é de uma suavidade e beleza inebriantes... parece que estou vendo a paz - seria um crime, um pecado se o Frei (e Frei não pode pecar) não nos permitisse ficar; só para contemplar essa cena eu faria de tudo.

Daqui eu vejo

o gramado perfeito começando no fim do caminho longo, indo envolver a casa e beijar os pés daquele velho homem de batina e, então, descer lentamente em direção ao Cururu, o rio.

Este passa em frente à casa fazendo uma curva

lenta, mansa e prazerosa, como que a nos lembrar que a paz também se move, que a paz é movimento, é vida e que pode morar, também, em um rio”.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*  
Autor: Walter Andrade Parreira  
(Cap.3 – ‘A Missão’ – pág. 68)